

Rádio Comunitária: experiência que transforma

Rosinete Felix RIBEIRO¹

Resumo

Este artigo apresenta um estudo de caso da rádio comunitária Independente do Timbó² em João Pessoa e suas ações transformadoras do cotidiano de grupos sociais. O estudo baseia-se tanto em pesquisas bibliográficas quanto em reflexões a partir de observação participante. Conceito de comunicação comunitária trazida por Cecília Krohling Peruzzo mostra como a comunicação produzida nos setores da educação informal, vem contribuindo para ampliar aspectos educativos e formar sujeitos críticos.

Palavras-chave: Rádio Comunitária. Comunicação. Cidadania.

Introdução

A comunicação é um agregador da sociedade, tem o poder de unir, fortalecer, criar e capacitar sujeitos críticos frente à grande mídia. Os movimentos sociais nas últimas décadas vem revelando a existência de uma comunicação alternativa, voltada para os interesses internos do grupo a que pertencem, contribuindo assim para a formação da cidadania, esse tipo de movimento tem crescido no Brasil e vem ganhando força, pois a maioria da população está excluída dos benefícios que o desenvolvimento trás.

Partindo disso, procuramos no decorrer deste artigo relatar a experiência da rádio Independente do Timbó, que surgiu dos movimentos sociais. Para isso, partiremos de noções do que é rádio comunitária, mostrando seu processo de desenvolvimento e a conscientização de sua importância na comunidade, enfatizaremos os pontos que diferem as mídias comunitárias das comerciais, como também, o surgimento da rádio comunitária no Brasil.

¹Graduada em Radialismo pela UFPB, colaboradora do SEAMPO-UFPB. E-mail: rosafelix24@hotmail.com.

² Timbó é uma comunidade que fica dentro do bairro dos Bancários, zona sul de João Pessoa/PB.

A rádio dessa comunidade tem função social e educacional, uma vez que, as pessoas que compõem efetivamente a rádio são jovens, e nessa comunidade há uma forte presença de tráfico de drogas e a rádio acolhe esses jovens, tentando fazê-los se envolverem com outros jovens que participam de cursos realizados pelos próprios moradores, como é o caso de Julianna³ que tenta repassar para eles o que aprendeu, quando isso não acontece a Associação de Moradores buscam parcerias para realizar os cursos. A rádio é um instrumento para prestação de serviços, como diz Peruzzo:

A comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdo com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania. (PERUZZO, 2006)

Embora as rádios comunitárias sejam da e para a comunidade, essas rádios comunitárias tem, por princípio, difundir a cultura, o lazer e a educação, porém, são poucas as que conseguem concessões para atuarem. O formato das comunitárias é semelhante ao do rádio brasileiro da década de 20, costuma ser o de associações, mantido com contribuições e apoios culturais.

As rádios comunitárias

As rádios comunitárias começaram a ser organizadas na década de sessenta, quando diversas comunidades que não tinham espaço nas emissoras convencionais de comunicação descobriram uma nova forma de interagir e soltar a voz. Já na década de setenta, surgiram às rádios de cultura alternativa, formadas por universitários e radialistas autônomos, que passaram mais e mais a trabalhar com as comunidades das quais faziam parte. Estas emissoras foram classificadas de “piratas” ou “ilegais” pelas empresas comerciais de radiodifusão, que temiam, com a concorrência, perder seu domínio sobre o público.

São feitas geralmente a partir de um conselho comunitário, formado por representantes da comunidade. É comum nas rádios comunitárias que o apresentador

³ Líder jovem da comunidade, estudante de Graduação de Radialismo da UFPB, a rádio funciona nos fundos da casa onde mora.

dos programas seja também o produtor, o redator e o locutor. A programação deve ser voltada para os interesses da comunidade, para a construção da cidadania e para o exercício da democracia. Uma rádio de caráter comunitário deve abrir espaço para os vários setores de uma determinada comunidade. Sua gerência ou comando precisa ser pluralista, ou seja, funcionar através de opiniões e pontos de vista diversos, sem discriminações e com espaço para todos, permitindo que a voz da comunidade seja ouvida através da emissora.

É através do seu papel social que as rádios comunitárias se tornam importante, pois funcionam como porta-vozes de grande parcela da população que não tem canal de comunicação próprio. Representam, assim, a voz da comunidade, que se faz ouvir através deles e procura soluções para os seus problemas, buscando avanços sociais.

Como surgiu a rádio Independente do Timbó

Em 2002 a ONG Amazona⁴ junto às comunidades parceiras pensaram numa forma de se comunicar mais facilmente e rápido com a comunidade, como também de expor os temas de prevenção a saúde numa forma diferente. Então, fizeram um Projeto para a Petrobrás⁵ que foi aprovado para montar rádios comunitárias de poste nas comunidades parceiras da Amazona, na época Timbó, São Rafael, Jardim Veneza, Ilha do Bispo e Casa Branca⁶. A rádio no Timbó foi uma das últimas a ser instalada.

A rádio foi fundada em Junho de 2003. Sendo a última a ser instalada no Projeto Fala Garotada financiado pela Petrobrás e executado pela Amazona no ano de 2002 a 2003. A rádio inicialmente contou com capacitações para formar jovens comunicadores. Como também reuniões com a Associação Parceira para organizar o funcionamento da rádio. As pessoas que iniciaram o funcionamento da rádio foram adolescentes e jovens da comunidade (que não tinham noção alguma de como funcionava um programa de rádio). Faziam a programa com a cara e a coragem e ao longo do tempo foram se capacitando para poder desenvolver uma programação correta.

⁴ ONG Amazona trabalha com jovens da Paraíba na prevenção contra às DST/HIV/AIDS.

⁵ A Petrobrás financia vários projetos voltados para jovens no país, a exemplo do Fala Garotada, que deu origem a rádio Independente do Timbó.

⁶ Comunidades de diferentes bairros de João Pessoa.

Ao longo destes cinco anos as pessoas que fazem a rádio funcionar são um grupo de adolescentes e jovens em sua maioria. Depois alguns adultos se inseriram nas programações. A rádio por ser formada na sua maioria por jovens acaba falando muito para os adolescentes e jovens, mas o público adulto e idoso se identifica com a programação, por que falam assuntos que correspondem as suas necessidades a partir das programações de saúde e musicais tocando os estilos de música que gostam. Existe uma participação efetiva do público nos programas da Rádio, pois se não houvesse uma participação da comunidade a ficaria prejudicada pela falta de comunicadores, não haveria um conselho e nenhuma preocupação diante da comunidade quando uma caixinha de som quebra por exemplo.

Mas ao contrário, os moradores sempre se preocupam quando um equipamento quebra, perguntam constantemente aos jovens sobre algum assunto que foi falado na rádio. Os informes e avisos dados são escutados e repercutidos como informação para os locais aonde as caixinhas não chegam. A cada ano a ONG Amazona propõe um questionário onde os integrantes da rádio realizam para saber quais pontos devem melhorar e quais programas fazer, quais temáticas abordar e também, quais músicas tocar. O pedido musical é algo contínuo dentro da rádio. O sinal da Rádio não atinge toda comunidade, eles têm apenas 10 caixinhas funcionando nas ruas Abelardo Pereira dos Santos, Travessa São Paulo, Rua Margarida Maria Alves, Nossa Senhora de Fátima e Antônio Camilo dos Santos.

A comunidade teve uma experiência de funcionar em frequência FM, atingiram toda a comunidade e bairros vizinhos. Em 15 de Janeiro de 2007 a rádio foi lacrada e daí iniciou-se um processo junto a Justiça, onde quem responde por essa infração na lei é a Associação Juventude em Ação (AJA). De acordo com Julianna há suspeitas de as denúncias partiram de pessoas influentes que não queriam a rádio funcionando. Em 18 de Julho de 2008 a Agencia Nacional de Telecomunicações (Anatel) levou a Antena e o Transmissor da Rádio. Desde então o processo está rolando e esperam o resultado, deixando claro a idéia de que no Brasil quem decide quais rádios funcionam é o governo, na forma de concessões, ou seja, decide para quem, quando e se concede esse direito. A Rádio do Timbó recebe ajuda de ONGs que é feita através da formação de educadores para a comunidade, que disponibiliza materiais para as programações

educativas. Chamando-os para participar das atividades desenvolvidas e divulgação das ações a serem realizadas por elas.

Parcerias

A comunicação está diretamente ligada à questão da democratização do direito humano, e um dos direitos humanos é o Direito à Comunicação. As rádios comunitárias é um instrumento legítimo de mobilização dessas comunidades para produção da comunicação e também para efetivação dessa comunicação. Os próprios moradores da comunidade produzem e circulam suas informações. É mais fácil comunicar com pessoas da própria comunidade, falando com sua linguagem. A comunicação comunitária vem nesse sentido somar pontos para a questão da mobilização comunitária. A Rádio Independente do Timbó, que conta com parcerias internas e externas, iniciou-se com o apoio do Projeto Fala Garotada, da ONG Amazona - Associação de prevenção à AIDS- parceira da rádio, e pela iniciativa dos jovens da comunidade, que hoje é conhecida como Associação Juventude em Ação (AJA). Este projeto é um conjunto de ações de mobilização e fortalecimento comunitário feito em parceria com Organizações Sociais Populares na contribuição de rádios comunitárias na região metropolitana de João Pessoa. Essas rádios buscam a consolidação de uma programação que atenda aos anseios das comunidades prestando serviços de utilidade pública, prevenção às DST/HIV/AIDS, controle social, entretenimento, radiojornalismo, cidadania, educação, prevenção às drogas, ou seja, de formação cidadã e elevação da auto-estima, enfim, ações que motivam o papel do adolescente e jovem enquanto protagonista de novas perspectivas de organização social.

Hoje a rádio é formada por um conselho comunitário, com várias associações do Timbó. São organizações sociais que trabalham dentro da comunidade onde formam essa rádio através de um conselho gestor. Esse conselho delibera sobre a programação da rádio e sua importância, que começou como uma rádio comunitária difusora. E esse grupo que está à frente viu que a comunicação poderia extrapolar as fronteiras da comunidade para outros bairros. Queriam crescer, poder se comunicar com outros bairros. Socializar o que está acontecendo lá dentro e fazer informação num caráter

maior, conseguiu isso por um período curto. Mas a luta hoje é pela regularização da rádio do Timbó, que teve em caráter experimental no ar por algumas vezes. A rádio FM como não tinha concessão, foi impedida de funcionar. Então a difusora ainda está fazendo o papel, enquanto ocorre o processo de autorização para funcionamento da rádio FM.

A ONG Amazona trabalha dando o apoio no sentido da regularização da rádio, da mobilização social para que a rádio Independente do Timbó e outras rádios de João Pessoa possam ter a concessão para funcionamento. Também atuam em parceria com outras organizações e faz parte da ABRAÇO/PB na luta pela democratização da comunicação, que é muito ampla, e tem que estar articulada para ganhar força e fazer isso acontecer.

A ABRAÇO/PB, que é a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária no Estado da Paraíba também mantém parceria com a Rádio Independente do Timbó. A atuação da ABRAÇO na comunidade se deu desde a fundação, mas quando a ABRAÇO chegou já havia todo o movimento com a ONG Amazona através do Projeto Fala Garotada. O senhor José Moreira dos Santos, mais conhecido por Moreira, hoje diretor da ABRAÇO, participou como voluntário dando apoio no projeto. E com a sua experiência em rádios comunitárias, acabou ajudando através da ABRAÇO várias comunidades a se tornarem aptas à concessão de rádio comunitária, inclusive a rádio Independente do Timbó, com a criação de estatutos, dando orientações à Assembléia Geral e ajudando nas discussões do Conselho Comunitário da rádio.

E nesse sentido de que a comunicação é fundamental e um direito humano, deve ser permeada e executada por todos nós cidadãos. E numa comunidade onde ela se legitima, onde é propriedade de todos, onde se forma a partir dos princípios da democracia na participação, ela tem esse poder de conseguir levar e fazer informação mais apropriada à realidade local. Além dessas parcerias supracitadas, a rádio conta com a ajuda de outras instituições como: A Prefeitura Municipal de João Pessoa; ONG Cunha Coletivo Feminista⁷ e a ONG Bamidele⁸ Organização de Mulheres Negras da Paraíba.

⁷ Trabalha na defesa e promoção dos direitos da mulher, jovens e adolescentes com enfoque de gênero e cidadania, nas áreas de saúde, sexualidade, direitos reprodutivos, violência contra a mulher e desenvolvimento sustentável.

A Grade de programação é feita através de reuniões da rádio. Mas também ocorrem de forma livre, onde, por exemplo, numa situação do dia podem surgir outros programas no rádio se o espaço estiver vago. É feita de forma organizada, mas também de forma espontânea, a partir das necessidades da comunidade e dos comunicadores.

Formação do conselho comunitário

Os representantes do conselho mostram preocupação com a comunidade, pensando juntos/as ações que busquem melhorias para a comunidade. E a rádio é de fato uma melhoria para a comunidade, que veem resultados pequenos a cada dia. O conselho tem função de: Monitorar o funcionamento da rádio; Participar das programações; Construir a grade de programação; Contribuir com informações na rádio; Conduzir o planejamento das atividades desenvolvidas na rádio; Conseguir parceiros e novos locutores para a rádio.

O Conselho é um complemento muito importante na organização da rádio, pois é através deles que temos a representatividade da comunidade dentro dos meios de comunicação. São várias as pessoas que integram o conselho comunitário, sem restrição partidária, sexual, católica, como veremos a seguir: PSF I e PSF II; Igreja Evangélica; Igreja Católica; Núcleo Espírita; Projeto Marta; Times de Futebol – Dez; Associação de Moradores – ACMVT; Associação Juventude em Ação – AJA; Casa de Apoio – Bau; Núcleo Rotary de Desenvolvimento Comunitário – NRDC; Educadora Social; Diretora de Operações da Rádio; Jovens Comunicadores.

Envolvimento da comunidade

A rádio comunitária Independente do Timbó encontra-se atualmente com 14 jovens comunicadores participando de suas atividades. Sendo 10 na locução atualmente e 04 em outras funções, como: organização, manutenção, pesquisa de informações e outros. Todos participam da organização da rádio, da manutenção dos equipamentos, do espaço e de toda gestão da rádio comunitária. A programação é uma mistura de entretenimento

⁸ Instituição que trabalha com o projeto político de contribuir para a eliminação do racismo e do sexismo.

e educação, pois para a comunidade ouvir a rádio é necessário para ajudar a escolher o quê colocar na programação, fazendo com que atraia mais ouvinte. Durante a programação surgem assuntos inusitados, visitas das equipes de extensão e estagiários dos postos de saúde da comunidade para incrementar a programação da manhã, tarde ao longo da semana. Na programação tem de tudo, desde esporte, entretenimento, utilidade pública, educação, saúde, avisos, informes, campanhas de vacinação, entre outros, só não tem horários específicos para cada atividade, já que os comunicadores estudam e realizam outras ações.

A ação de alguns sujeitos coletivos como protagonistas de suas próprias necessidades, construindo de forma coletiva educação para a cidadania, busca e desenvolve formas próprias de comunicação, sendo eles portadores de significados capazes de alterar a visão político-social local. Na comunidade do Timbó, onde funciona a rádio comunitária de mesmo nome, a participação da comunidade na rádio é direta, porém, só algumas pessoas que gostam e que são envolvidas em movimentos sociais, que de fato trabalham para o funcionamento da rádio, são os produtores das mensagens e também os receptores dessas mensagens.

Já tínhamos conhecimento da Rádio Independente do Timbó há algum tempo, pois uma das alunas de graduação em comunicação mora na comunidade. Quando fomos andar pela comunidade para saber a opinião das pessoas sobre a rádio, constatamos de forma real, tudo aquilo que líamos nos textos sobre comunicação comunitária. A comunidade se diz satisfeita com o conteúdo transmitido pela rádio, porém como as caixas de som colocadas nos postes não alcançam toda comunidade, essa foi à principal reclamação da população.

A presença de tráfico de drogas, e conseqüentemente dos chefes do tráfico, é um ponto interessante de se observar. Qual seria a influência deles na rádio? Os chefes do tráfico mantêm amizade com os jovens da rádio, no entanto, segundo os moradores, eles não interferem na programação da rádio, nem tão pouco aconselha o uso das drogas, eles incentivam os jovens a participarem desses movimentos que a rádio promove.

Foi observado também, que a rádio recebe apoio da comunidade, mas não tanto como os jovens queriam, até porque a rádio tem pouco alcance. Qualquer pessoa de

dentro ou fora da comunidade, que queira fazer uma divulgação ou uma passar alguma informação a rádio esta aberta.

De fato os jovens buscam o melhor para a rádio e para si, como curso de aperfeiçoamento ou até mesmo profissionalizante. O processo de educação informal praticados por essas iniciativas, e defendidas por Peruzzo nos seus textos, contribui para a (r)elaboração das culturas populares. Quando a cidadania é regulada pelo Estado e ela não se faz presente nessas comunidades, são criados seus próprios meios para fazerem valer essa cidadania, é evidenciado na comunidade que esse espaço antes renegado pelas mídias, que hoje através dessas mesmas mídias vem ganhando mais espaço para transmitir mensagens menos comerciais e mais comunitárias.

Considerações finais

Ao desenvolvermos esse trabalho, estamos de certa forma, contribuindo para a busca de formas alternativas de comunicação e buscando uma reflexão da função do comunicador frente às grandes mídias.

Nas comunidades, principalmente na comunidade do Timbó, nos deparamos com pessoas que superam as limitações pessoais e técnicas para possibilitar a socialização da informação, reafirmando a importância da comunicação comunitária. Enfim, essas pessoas resistem a uma individualização forçada pelo capitalismo, que tende a excluir um número maior de pessoas.

A luta pelos direitos individuais parte de uma ação conjunta, ou seja, de toda comunidade. Guiados pelas informações citadas acima que, ao concluirmos esse trabalho, podemos dizer que a Rádio Independente do Timbó é comunitária. Dificuldade de tempo para se reunirem, muitas tarefas para as lideranças, pois a falta de moradores/as comprometidos em fazer um trabalho voluntário, mas esses percalços são compensados quando os jovens se mostram preocupados com a comunidade, atuante na busca de seus direitos e que as parcerias de êxito como a da UFPB, através do Posto de Saúde, firma esse compromisso com as comunidades a qual está inserida.

Independente das dificuldades, eles se mantêm firmes e cada um fazendo a sua parte para cuidar da comunidade e da rádio comunitária. Não se envolverem com as

drogas, que é uma realidade que ele veem em cada esquina da comunidade e onde tudo os levam para esse mundo, são iniciativas como a desenvolvida pela comunidade do Timbó que fazem os jovens almejam mais oportunidades.

É nesse sentido de que a comunicação é fundamental e um direito humano, que deve ser permeada e executada por todos nós cidadãos. E numa comunidade onde ela se legitima, onde é propriedade de todos e se forma a partir dos princípios da democracia na participação, ela tem esse poder de conseguir levar e fazer informação mais apropriada à realidade local.

Referências

BRASIL, Lei Federal. 9612/98: Serviços de Radiodifusão Comunitária.

CABRAL, Adilson. **Comunicação comunitária no século XXI**. Disponível em <<http://www.comunicacao.pro.br/artcon/comcom.htm>>. Acesso em 16 junho 2009.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2000.

MELLO, José Marques de. GOBBI, Maria Cristina. SATHLE, Luciano. **Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão**. In *Mídia Cidadã: utopia brasileira*. Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 183-193.

MOMESSO, Luiz Anastácio. Direito a comunicação. Memória em movimento. In: **Revista eletrônica de comunicação, políticas e direitos humanos**. Vol. 1, nº 1. Disponível em <<http://www.ufpe.br/memoriaemmovimento>>. Acesso em 11 de junho de 2009.

OLIVEIRA, Cristina Cardozo de. FLOR. Juliana Grade. **A mídia alternativa como projeto de inclusão social**. Acadêmicas de jornalismo do Centro Universitário de FEEVALE e estagiárias de Projeto Nosso Bairro em Pauta da Agência Experimental de Comunicação da FEEVALE (AGECOM).

PERUZZO, Cecília Krohling. **Revisando os conceitos de comunicação popular, Alternativa e Comunitária**. In XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília- DF, INTERCOM/UnB, 6 a 9 de setembro de 2006.

_____. Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. In **Revista PCLA – pensamento comunicacional latino americano**. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO-Unesp, v 4, N° 1 Pág. 1-9, 2002. Disponível em <<http://www.metodista.br/unesco/pcla>>. Acesso em: 16 junho 2009.

_____. **Direito à comunicação comunitária**, Participação Popular e Cidadania. Disponível em <http://www.portalgens.com.br/comcom/direito_a_comcom.pdf> . Acesso 12 junho 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação caminho para a cidadania**. Disponível em <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>>. Acesso em 16 junho 2009.